

FACULDADE MAUÁ - DF
CURSO DE BACHARELADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

LARISSA LIMÍRIO DE OLIVEIRA
EVERTON NUNES FRANCO
FERNANDA COSTA SANTOS
KAROLINA SANTANA PINTO
DEBORA RODRIGUES DOS ANJOS

**EDUCAÇÃO DO CORPO E JIU-JÍTSU: JOGOS DE GÊNERO NO
TATAME**

BRASÍLIA-DF
2017

LARISSA LIMÍRIO DE OLIVEIRA
EVERTON NUNES FRANCO
FERNANDA COSTA SANTOS
KAROLINA SANTANA PINTO
DEBORA RODRIGUES DOS ANJOS

**EDUCAÇÃO DO CORPO E JIU-JÍTSU: JOGOS DE GÊNERO NO
TATAME**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como parte das exigências
para conclusão, complementação de
estudos, do Bacharelado em Educação
Física.

Orientador(a): Professora Especialista
Ana Helta Cocker Gomes de Souza Peres

BRASÍLIA-DF
2017

TERMO DE APROVAÇÃO

LARISSA LIMÍRIO DE OLIVEIRA
EVERTON NUNES FRANCO
FERNANDA COSTA SANTOS
KAROLINA SANTANA PINTO
DEBORA RODRIGUES DOS ANJOS

EDUCAÇÃO DO CORPO E JIU-JÍTSU: JOGOS DE GÊNERO NO TATAME

Monografia de conclusão aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Educação Física no Curso de Educação Física da Faculdade Mauá-DF, pela banca examinadora:

Prof.^a Esp. Ana Helta Cocker Peres
Faculdade Mauá - DF
Orientadora

Prof.^a M.^a Anyella Kássia Nogueira
Faculdade Mauá - DF

Prof.^a Esp. Cristiane Resende
Faculdade Mauá - DF

Goiânia, ____ de Julho de 2017.

RESUMO: O presente estudo nasceu do desejo de uma lutadora de Jiu-Jítsu de compreender o porquê do preconceito sobre a participação feminina no Jiu-Jítsu. Discutir e analisar se há preconceito sexista em relação às mulheres praticantes de Jiu-Jítsu em academias da cidade de Goiânia-GO. Os principais autores que embasam nossa reflexão são GOELLNER (2005 e 2008), FOUCAULT (1975), BOURDIEU (1998), SIMÕES (2003), BREDÁ (2010), MAUSS (1974) e GASTALDO (1995). Conhecido entre seus praticantes como “Xadrez de Corpo”, o Jiu-Jítsu é um esporte caracterizado quase que inteiramente masculino, buscamos a compreensão no que se refere a inserção das mulheres nesse esporte, seus objetivos, desafios e expectativas. Identificar a gênese da participação feminina no cenário dos esportes, Identificar e analisar se as mulheres praticantes do Jiu-Jítsu percebem discriminações sexistas e Identificar no discurso dos praticantes o entendimento deles/as sobre mulher e Jiu-Jítsu são entre outros, objetivos desta pesquisa. Podemos inferir que o preconceito está enraizado nos *corpos e mentes* de quem define a cultura.

Palavras-chave: Gênero; Lutas; Jiu-Jítsu; Preconceito.

ABSTRACT: The present study started on the wish of a female Jiu-Jitsu fighter to comprehend the prejudice about the female participation on Jiu-Jitsu. Discuss and analyze if exist a sexist prejudice about female fighters of Jiu-Jitsu on academies in the city of Goiânia – Goiás. The main authors that found upon our reflection are GOELLNER (2005 e 2008), FOUCAULT (1975), BOURDIEU (1998), SIMÕES (2003), BREDA (2010), MAUSS (1974) and GASTALDO (1995). Known between his fighters as “body chess”, Jiu-jitsu is a sport characterized almost entirely masculine, we search the comprehension about the female insertion in this sport, his goals, challenges and expectations. Identify the genesis of the female participation on the scenery of sports, identify and analyze if female Jiu-Jitsu fighters have known sexist discrimination and identify on the fighters speech their understanding about woman and Jiu-Jitsu are among the goals of this research. We can infer that prejudice is rooted in the bodies and minds that define the culture.

Key-words: Gender; Struggles; Jiu-Jitsu; Prejudice.

INTRODUÇÃO

O desejo de construir esse trabalho nasceu do convívio com o campo das Artes Marciais quando percebemos a falta de mulheres em campeonatos de esportes de combate e optamos por pesquisar a prática corporal Jiu-Jítsu devido este esporte ser a base principal do maior evento de combate mundial conhecido como UFC (Ultimate Fighting Championship). Desde então, começamos a analisar os comentários sexistas sobre a prática feminina desse esporte tanto no interior quanto exterior do ambiente onde se pratica o Jiu-Jítsu.

Conhecido entre seus praticantes como “Xadrez de Corpo”, por sua gestualidade e necessidade de concentração e conhecimento durante o combate, o Jiu-Jítsu¹ (que em japonês significa “Arte Suave”), segundo alguns historiadores, nasceu na Índia e era praticado por monges budistas. Preocupados com a auto defesa, os monges desenvolveram uma técnica baseada nos princípios do equilíbrio, do sistema de articulação do corpo e das alavancas, evitando o uso da força e de armas. Com a expansão do budismo o Jiu-Jítsu percorreu o sudeste asiático, a China e, finalmente, chegou ao Japão, onde se desenvolveu e popularizou-se. “Não é possível precisar o surgimento das lutas uma vez que não se trata da ação de uma só pessoa ou grupo

¹ O início da história do Jiu-Jítsu no Brasil começa a ser marcada pelo mestre Esai Maeda Koma, conhecido como Conde Koma, que foi um dos mestres de Jiu-Jítsu que saíram do Japão e foram para outros continentes vivendo do ensino da arte marcial e das lutas que participavam. Após viajar com sua equipe e lutar em vários países da Europa e Américas, Koma chegou ao Brasil em 1915 e plantou raízes em Belém do Pará onde no ano seguinte conheceu Gastão Gracie. Conhecendo a luta, Gastão entusiasmou-se com a mesma e levou seu filho mais velho, Carlos, para aprender a arte com o japonês.

Franzino desde pequeno, aos 15 anos Carlos Gracie viu no Jiu-Jítsu uma forma de realização pessoal. Migrou para o Rio de Janeiro aos 19 anos e tornou-se lutador e professor dessa arte. Carlos continuou viajando pelo país dando aulas e vencendo adversários fisicamente muito mais fortes que ele. Em sua volta ao Rio de Janeiro, abriu a primeira Academia Gracie de Jiu-Jítsu. Com a acessória de seus irmãos, Carlos assumiu a criação dos menores George e Helio, 14 e 12 anos de idade respectivamente. Desta época então, Carlos passou a transmitir suas técnicas e conhecimentos a seus irmãos aprimorando a técnica á característica franzina se sua família.

Transmitiu-lhes sua filosofia de vida e passou a indicar noções de saúde a seus atletas criando assim a Dieta Gracie, exclusiva para atletas, transformando o Jiu-Jítsu em sinônimo de saúde. Respeito, autoconfiança e tolerância foram atributos que Carlos adquiriu ao longo do seu tempo de treino com o intuito de provar que o esporte era superior a outras artes marciais e intentando formar uma tradição familiar.

Enfrentando adversários 20, 30 quilos mais pesados, a fama dos Gracie logo se espalhou. Visando o novo mercado aquecido em torno do Jiu-Jítsu, muitos japoneses foram para o Rio de Janeiro, porém, nenhuma escola formou-se tão sólida quanto a da Academia Gracie, pois o Jiu-Jítsu que praticavam privilegiava as quedas e o dos Gracie, o aprimoramento da luta no chão e os golpes de finalização.

Ao modificar as regras internacionais do Jiu-Jítsu japonês nas lutas que ele e os irmãos realizavam, Carlos Gracie iniciou o primeiro caso de mudança de nacionalidade de uma luta, ou esporte, na história esportiva mundial. Anos depois, a arte marcial japonesa passou a ser denominada de Jiu-Jítsu Brasileiro (ou Brazilian Jiu-Jitsu), sendo exportada para o mundo todo, inclusive para o Japão. A família Gracie é a mais tradicional no que se diz respeito ao Jiu-Jítsu no Brasil e muitos de seus integrantes são campeões mundiais na modalidade.

isolado, mas sim de uma construção sociocultural que se modificou e tomou novos significados ao longo do tempo. (BREDA *et al* 2010 p.28)

O Jiu-Jítsu enquanto prática esportiva produz no sujeito uma sensação de bem estar agindo na diminuição do stress, aumentando a resistência do organismo, melhora da capacidade cardiovascular e respiratória, aumenta a flexibilidade, a coordenação motora e os reflexos, trabalhando todos os grupos musculares do corpo tanto em homens quanto em mulheres. Ainda aumenta a auto estima, auto confiança e desenvolve o caráter, desinibe os tímidos e acalma os agitados e ansiosos. Incluindo neste pacote a defesa pessoal. É indicado para quem procura uma atividade que trabalhe simultaneamente o físico e o mental. Um dos esportes mais ecléticos que se tem conhecimento, pois existem lutadores de todas as idades, todas as classes sociais e todo tipo de condição física (deficientes visuais, intelectuais, amputados e idosos). Segundo estudos, normalmente, o gasto calórico de um praticante de Jiu-Jítsu com alguma experiência que tenha a possibilidade de completar toda parte do aquecimento é cerca de 750 Kcal/h, podendo aumentar a queima calórica através dos exercícios aeróbicos e anaeróbicos. Em aula mais avançada de Jiu-Jítsu pode-se perder até 1.500 Kcal/aula.

É pela razão de gênero e Jiu-Jítsu relacionados aos interesses e percepções dos autores da presente obra que este trabalho tem como tema a educação do corpo no contexto das relações de gênero na luta: Jiu-Jítsu. Na atualidade tem-se uma crescente inserção das mulheres em práticas corporais, especialmente nas Artes Marciais, pode-se inferir que além dessa perspectiva há também a imersão delas, nas lutas fora dos tatames o que podemos chamar de *lutas socioculturais* nas quais são atribuídos adjetivos sexistas e preconceituosos em virtude da opção de praticar os esportes tidos como “masculinos”.

Durante nossa experiência com o Jiu-Jítsu, presenciamos o desenvolvimento de treinos em que há uma diferenciação entre o que se exige para os homens e para as mulheres. A partir daí, percebeu-se que essa situação incomodava, inibia e restringia a participação e a inserção de mais mulheres no campo das lutas.

Era comum mulheres que conseguiam fazer de primeira os exercícios, as que conseguiam ao longo dos meses de treino e as que nunca conseguiam, às vezes por falta de interesse, vezes por falta de incentivo, com comentários do tipo “Deixa, ela é mulher”. Um exemplo de exercício que é executado de forma diferente entre homens e mulheres é a flexão de braço, onde as meninas são orientadas a fazer com os joelhos no solo por tornar o exercício mais fácil, enquanto os homens o fazem com as pernas esticadas o que dificulta a execução do mesmo o que caracteriza uma ação discriminatória por pré julgarem que a mulher não conseguiria realizar o exercício de forma correta.

Baseado nos fatos acima apresentados, percebemos que há diferenciação entre o tratamento dado a homens e mulheres que praticam artes marciais, especificamente no Jiu-Jítsu. Notamos então a necessidade de pesquisar e abordar esse assunto que é pouco explorado na literatura. Nesta direção, o problema da pesquisa consiste em analisar se existe preconceito sexista em relação às mulheres praticantes de Jiu-Jítsu em academias de Goiânia-GO.

O objetivo geral é discutir preconceitos sexistas que atravessam a prática feminina da arte marcial: Jiu-Jítsu; e enquanto objetivos específicos: a) Identificar a gênese da participação feminina nos esportes; b) Identificar na rotina da prática e treinamento do Jiu-Jítsu se as mulheres praticantes são tratadas com diferenciação no dia a dia do tatame; c) Identificar e analisar se as mulheres praticantes do Jiu-Jítsu percebem discriminações sexistas; d) Identificar no discurso dos praticantes o entendimento deles/as sobre mulher e Jiu-Jítsu; e) Explanar como o educador físico pode minimizar este problema.

Em relação à relevância científica do estudo, acreditamos que a pesquisa seja pertinente, pois percebemos a pouca produção de trabalhos acerca deste tema na educação brasileira, contribuindo ainda para a ampliação do debate acerca do objeto investigado entre acadêmicos e profissionais da área. Também se situa pela necessidade de apresentar à comunidade a prevenção das ações preconceituosas em que mulheres que praticam artes marciais sofrem especificamente no Jiu-Jítsu. Entender o porquê de tais atitudes sexistas num esporte considerado masculino.

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa de campo que segundo OLIVEIRA (1997) consiste na observação dos fatos tal como ocorrem

espontaneamente, na coleta de dados e no registro de variáveis presumivelmente para posteriores análises. Dá-se também como descritiva e exploratória e tem como objeto de investigação o Jiu-Jítsu com enfoque nas mulheres praticantes desse esporte nas academias do Município de Goiânia-Goiás. Na cidade há algumas academias que trabalham com o esporte, dessas, uma foi campo desta pesquisa que aborda aspectos qualitativos e quantitativos do instrumento entrevista com roteiro semi-estruturado como forma de coleta de dados que sistematizados resultaram neste trabalho.

Das academias cadastradas na Federação Goiana de Jiu-Jítsu (FGJJ) que oferecem Jiu-Jítsu em Goiânia e que possuem mulheres em seu quadro de alunos, fomos a campo em uma delas. Essa academia que se localiza na parte noroeste do município e foi escolhida por comportar o maior número de mulheres em atividade no tatame. Das seis alunas da academia foram entrevistadas quatro delas, pois duas estavam em viagem na época das entrevistas. Às alunas foram solicitadas a resposta de um roteiro semi-estruturado com oito questões ligadas ao tema da pesquisa e a realidade do treino. A entrevista se deu de forma aberta e abrangendo outros assuntos levantados pelas entrevistadas. Os nomes de todos os entrevistados aqui usados são fictícios para preservar suas identidades.

1.0 A PARTICIPAÇÃO FEMININA NOS ESPORTES DE COMBATE

Alisando os principais campeonatos que promovem o combate de artes marciais, começamos a pensar sobre questões sexistas e preconceito; seria da infância, onde os meninos tem muito mais liberdade em seus movimentos e as meninas são mais vigiadas? Parece que o território do masculino tem sido mais divertido sem tantos interditos, os garotos podem jogar futebol, correr, saltar, lutar, brincar de carrinho e caminhão; já as meninas precisam estar muito limpas, de vestido, bonitas, cuidando das bonecas, das panelas e pratos?

Partindo de nossa experiência e memórias de infância ocorreram as reflexões e questionamentos aos quais nos levaram a pensar sobre as questões de gênero que permeiam os esportes de combate, com enfoque no Jiu-Jítsu.

Neste caminho, perseguimos a ideia de revelar em que pé está à questão do “preconceito com as mulheres nos tatames”, lugar considerado

território do masculino e, que algumas, se atrevem a encarar. Pensar o esporte, particularmente o Jiu-Jítsu nos impõe a condição de entender os processos de corporalidade em curso no universo das construções de gênero.

A educação do corpo está presente em várias instâncias da vida social, segundo SOARES (1998, p.89) o “*controle dos corpos* é uma história que remete aos quadros físicos primeiros, a materialidade do corpo, a intimidade de sua dor e de seu prazer, uma vez que as técnicas são sempre um trabalho no corpo, no gesto, no comportamento”. Cada sociedade e cultura, com sua sensibilidade, tolera ou rejeita, enaltece ou condena modos de educar o corpo, técnicas de nele intervir. Pensar que por meio das técnicas das lutas se encontram linguagens contidas em gestos, olhares e na tradição carregada de sentidos e significados sociais atravessados por relações de poder, é o nosso propósito central.

O corpo é uma síntese da cultura, porque expressa elementos específicos da sociedade da qual faz parte. O homem, por meio do corpo, vai assimilando e se apropriando de valores, normas e costumes sociais, num processo de incorporação. No corpo humano, há uma interação dinâmica tal entre o biológico e o cultural que não é possível encontrar o limite claro entre os dois níveis. (DAOLIO, 2003p. 117)

Neste sentido o corpo que luta, ou melhor, o corpo feminino que luta invade a cena composta e racionalizada em nosso imaginário como um lugar do poder, da força e da superação. Lutar em seu significado literal, nada mais é que o combate de dois/duas atletas, corpo a corpo e sem armas no qual um precisa se sobressair sobre o adversário utilizando de técnicas específicas, de estratégia, de desequilíbrio e finalizações/contusões para movimentos de ataque e defesa.

Na Grécia antiga as competições eram símbolo da cultura de valorização de beleza física, saúde e do amor à glória desses grandes feitos, porém nem todos podiam participar dessas olimpíadas. Segundo o regulamento dos jogos, a participação feminina era proibida, entretanto, fora dos jogos oficiais as mulheres poderiam participar de algumas provas nos hipódromos. Nos Jogos Olímpicos de Atenas em 1896 a presença feminina na competição se restringiu apenas as arquibancadas. O Barão Pierre de Coubertin chegou a declarar que a presença das mulheres nos estádios tinha aspecto antiestético, a única

justificativa para a inclusão feminina nos jogos era “coroar os vencedores com as guirlandas do triunfo”. (SIMÕES; OLIVEIRA; POLIDORO, 2003)

A gestualidade da luta torna-se o principal elo entre os atletas, pois é com as “pegadas” que a luta se inicia e se finda. A luta é decidida no detalhe de cada pegada, cada toque que é lembrado na hora do combate faz toda a diferença na luta tendo o poder de definir a vitória ou a derrota.

GASTALDO (1995) caracteriza os chamados “esportes de combate” como praticas esportivas que se dão pelo confronto físico (combate) entre dois oponentes com relativa igualdade de condições nos critérios relativos a peso, idade, habilidade entre outros. Dentre esses esportes estão o Jiu-Jítsu, Judô, Boxe e o Full-Contact. BRENDA (2010) também cita que as atividades relacionadas às lutas eram comuns a outras atividades como culinária, jardinagem e escrita, compondo a vida dos nativos.

No Jiu-Jítsu como em toda arte marcial, existem questões de hierarquia e respeito onde o professor é chamado de Sensei (que em japonês significa “o que nasceu antes”) ou Mestre pelos alunos. As ordens de graduação das faixas (que são usadas para distinguir o tempo de treino e conhecimento dos praticantes) são progressivamente: faixa branca, azul, roxa, marrom e preta, sendo a última usada pelo Sensei. A posse da faixa preta (dá condições) permite ao praticante lecionar o Jiu-Jítsu com autorização da Federação, uma perspectiva de profissionalização dentro do esporte. Quando o Sensei falta ao treino por alguma eventualidade os alunos mais graduados conduzem o treino seguindo o ritual que o mestre é acostumado a fazer.

Jigoro Kano (1860-1936), fundador do Judô, praticou Jiu-Jítsu e com base nisso excluiu algumas técnicas que considerava violenta e reinventou os golpes surgindo assim essa nova modalidade marcial.

O ambiente onde se aprende e se pratica as artes marciais japonesas é chamado de Dojo que literalmente significa “lugar do caminho”, DO = caminho JO = lugar. O Jiu-Jítsu é uma arte marcial japonesa na qual o principal objetivo é imobilizar o adversário através de estrangulamentos e golpes nas articulações, principalmente nos braços, tornozelos e joelhos. Uma das principais características do Jiu-Jítsu é utilizar a força e o peso do seu adversário contra ele mesmo por meio de técnicas de chão, ou seja, o combate

é em sua maioria disputado com os oponentes em contato permanente com o tatame.

O Judô é a arte marcial que mais se assemelha ao Jiu-Jítsu. Considerando que o Judô deriva do Jiu-Jítsu, no âmbito do tatame dizemos que o primeiro começa onde o segundo termina, pois o Judô se desenvolve quase que 100% (cem por cento) em pé e sua principal finalidade é executar uma queda perfeita no oponente (ou imobiliza-lo no solo por 30 segundos) que dá a vitória ao executor da queda. Enquanto no Jiu-Jítsu a luta se desenvolve praticamente 100% (cem por cento) no tatame, uma queda, seja ela perfeita ou não só acarretará em dois pontos na pontuação do atleta.

Destarte, não podemos deixar de citar o fenômeno mundial MMA (Mixed Martial Arts) que a cada dia ganha novos adeptos e fãs incondicionais que, certamente constituem uma visibilidade para os esportes de combate na mídia e que ressoa na prática em si na qual movimentam um montante admirável de cifras.

Atualmente, os melhores lutadores de Jiu-Jítsu hoje participam do MMA. Mixed Martial Arts (Artes Marciais Misturadas) é um esporte de contato que permite o uso de uma ampla variedade de técnicas de combate a partir de uma mistura de diferentes artes marciais. As regras permitem socos, chutes, projeções (quedas), alavancas ou torção das articulações e estrangulamentos.

Inicialmente seu objetivo era encontrar a arte marcial mais eficiente em diferentes situações de combate desarmado, desse modo lutadores de vários estilos de artes marciais lutavam um contra o outro com o mínimo de regras ou preocupação com a segurança. Nos anos seguintes, o MMA ganhou muitas regras adicionais que visavam aumentar a segurança dos lutadores e promover a aceitação mais popular do esporte. Essas alterações fizeram com que o esporte populariza-se e ganhasse transmissões em Pay Per View² que chegaram a ultrapassar o boxe e o futebol.

² *Pay per view* ou "pague pra ver" é o nome dado a um sistema no qual os que assistem a televisão podem adquirir uma programação específica, a qual desejem assistir, comprando, por exemplo, o direito a assistir a determinados eventos, filmes ou outros programas. A programação é vista ao mesmo tempo para todos os que a compraram, ao contrário de sistemas de vídeo em demanda, que permitem ao usuário do serviço ver a programação no momento que quiser.

O universo das lutas imitam de certo modo, as relações sociais, pois, estamos constantemente medindo forças em nossas relações, quem tem mais força, mais poder para poder dominar o outro, o adversário. Nesta direção, BORDIEU (1996), em seu texto clássico “A Dominação Masculina” nos permite entender o caráter sistemático da dominação masculina e o processo pelo qual se constrói essa regra quase como um dado “natural”. Configurando uma ordem sexual, lembrando-nos da necessidade de uma ação coletiva feminina com o intuito de provocar mudanças que alterem o estado atual das relações de força entre os sexos.

Nesta direção, interessante notar que a luta por mudanças devem acontecer em todos os lugares do mundo privado e público. A que se construírem relações articuladas ao comprometimento unidas às ações políticas capazes de desestruturar instituições que possam eternizar a subordinação feminina a nós impostas e nos incita a lutar por uma verdadeira revolução de gênero. Apenas assim, trabalhando contra as contradições e os diferentes mecanismos que emperram a nossa “liberdade”, poderemos contribuir para o progressivo fim da dominação masculina. Esse estudo possui um germe desse ideal, procurando contribuir para o avanço da desconstrução de relações de dominação entre os gêneros no âmbito da cultura das práticas corporais.

FOUCAULT (1975) diz que dócil e manipulável é aquele corpo que pode ser submetido, modificado e aperfeiçoado. Mostra-nos a relação utilidade-docilidade onde ao mesmo tempo em que se deseja um corpo manipulado, dócil e passivo, também se quer um corpo útil, potencializado no trabalho. Disserta ainda acerca da descoberta do corpo como objeto e alvo de poder, poder esse que se treina e se obedece. Trata-se, portanto de uma submissão e utilização para um determinado fim.

Embora a expressão mulher-atleta tenha surgido apenas no final do século XX, a necessidade das mulheres em encontrar um sentido mais amplo no cenário dos esportes individuais e coletivos as acompanha desde a Antiguidade. A história do esporte a mulher sempre foi subjugada no que tange á conquista de seus direitos fundamentais de participação. O compromisso com a carreira em qualquer que seja o esporte demanda uma doação total da atleta, pois isso implica nas questões social e familiar de cada uma, uma vez

que ainda há o mito de que algumas práticas esportivas, principalmente as lutas, levam as mulheres à masculinização. Isso seria o mesmo que dizer que para alcançar o auge da potência atlética feminina o esporte influenciaria na perda da feminilidade e a desviaria de seu destino natural de casar, procriar e cuidar dos filhos e marido. (SIMÕES, 2003)

Nas academias de lutas há uma dominação masculina no ambiente, permeada, segundo GASTALDO (1995), por um sentido da virilidade que considera a presença feminina um ultraje à ordem simbólica desse universo.

Vemos assim, que as artes marciais são antes de tudo, técnicas corporais que como em toda a sociedade cria padrões na forma de comer e se vestir, também são aprendidas diferentes formas de lutar. Então, afirmamos que há entre o atleta e o esporte, uma relação de trabalho com seu próprio corpo que se molda até chegar a uma dado domínio da gestualidade e performance almejada para determinada prática esportiva.

O corpo se torna um instrumento de combate. Para MAUSS (2003) o corpo é fruto da cultura e dos simbolismos da sociedade em que cada indivíduo vive, cada sociedade procura marcar o corpo de seus membros. Para ele o corpo é o primeiro e mais natural instrumento do homem. Considerando que o corpo molda-se à medida que há movimento social pode-se inferir que quando a tensionamentos, resistências à dinâmica sociocultural se modificam e se redesenha. As técnicas são atos tradicionais e eficazes, nas quais são diretamente ligadas as tradições, pois não há técnicas e transmissão de conceitos e cultura se não houver tradição e é nesse viés que os homens se diferenciam dos animais, pela transmissão de suas técnicas inclusive as orais.

Quando as mulheres chegam ao tatame tem-se a ideia de que tudo é igual para todos, o treino é o mesmo para homens e mulheres. Sim. Teoricamente. Pois principalmente com praticantes iniciantes alguns exercícios são modificados, por exemplo, as flexões de braço que são feitas com os braços apoiados no solo e com as pernas esticadas onde o tronco desce e sobe quando há a flexão dos braços, geralmente é executado por mulheres com os joelhos apoiados no chão, o que facilita bastante a execução do exercício.

Gênero, segundo JOAN SCOTT (1990) trata-se de um elemento fundado a partir de relações sociais existentes entre os sexos, tornando-se

assim uma construção social e histórica do mesmo. A discussão acontece no campo social onde ocorrem relações de desigualdade entre os sujeitos, desigualdade essa que nem é tão enfatizada pela área biológica e sim pelos contextos e fatos sociais e históricos que permeiam esse debate.

O estudo do gênero começou devido a lutas feministas e tinha pouco valor acadêmico. Com o passar dos tempos os estudos foram se consolidando e ganhando destaque nas pesquisas do cenário acadêmico. Assim como nas relações de classe, raça ou etnia, as relações de gênero se dão pelo contexto social, cultural, econômico e político. Enquanto determinamos sexo pela biologia, pela natureza, o gênero por se constituir historicamente, pode tornar-se mutável.

1.0 EDUCAÇÃO DO CORPO, INTERESSES E ROTINA NO JIU-JÍTSU: O OLHAR DAS MENINAS

Em geral, almejamos com o roteiro de entrevistas identificar os motivos que levaram essas mulheres a entrar no campo das artes marciais e o que esperam das aulas de Jiu-Jítsu, detectar se há de fato relações de preconceito sexista em torno das mulheres que adentram no tatame, as mudanças em seus corpos, a importância que o esporte tem em suas vidas e como se percebem como mulheres, tidas como referência de “sexo frágil”, que praticam uma arte marcial considerada quase que exclusivamente masculina e se em seu ponto de vista a sociedade está mudando o olhar sobre essa questão.

As entrevistadas têm entre dezesseis e vinte e quatro anos de idade, a maioria cursa o ensino superior e uma delas ainda está em fase de ensino médio, duas trabalham e pagam sua academia enquanto as demais tem o auxílio dos pais para custear o esporte. O tempo de treinamento varia de um a dez anos e todas já praticaram outro esporte de combate mesmo que por curto espaço de tempo. Para a análise destes relatos dividimos as perguntas em blocos com assuntos próximos, são eles: o interesse das meninas pelo Jiu-Jítsu, seus objetivos, noções de corpo, preconceitos entre outros.

1.1 O INTERESSE PELO JIU-JÍTSU

Ao serem perguntadas sobre o que as levou a procurar uma aula de artes marciais, o que esperam de uma aula de Jiu-Jítsu e se treinam só pelo lazer ou se também participam de competições, as respostas divergiram. Uma já gostava de lutas e tinha uma curiosidade anterior sobre o Jiu-Jítsu, outra começou a treinar por ser muito hiperativa quando criança e a mãe, pensando numa forma de canalizar a energia da filha a matriculou numa arte marcial e dessa outra arte ela conheceu o Jiu-Jítsu, a terceira teve indicação de uma amiga e Joana procurou a arte marcial como meio de controle pessoal por afirmar que possui um temperamento difícil.

As alunas contaram que já fizeram outros esportes de combate como Karatê, Capoeira e Judô. As alunas de capoeira e karatê não permaneceram muito tempo nestas atividades, pois não gostaram, acharam 'chato'. Já as alunas de Judô, ficaram por muito mais tempo no esporte, por oito e seis anos especificamente. Mas todas alegam que quando conheceram o Jiu-Jítsu, deixaram suas outras atividades para se dedicarem exclusivamente a essa modalidade e não pretendem deixar o esporte. Disseram não imaginar que o esporte superaria tanto suas expectativas, tanto no campo físico como no social.

As entrevistadas foram unânimes em dizer que o que mais gostam no Jiu-Jítsu é a disciplina, o clima familiar e de amizade que o tatame traz, respectivamente. Elas demonstraram querer realmente se apropriar dos conhecimentos técnicos e históricos do Jiu- Jítsu durante as aulas e relacionado às competições, duas das atletas competem e duas alegaram estar ansiosas por sua estreia em campeonatos. As alunas ainda relataram que o Jiu-Jítsu superou e supera todas as expectativas que elas tinham em relação ao esporte baseando-se em outros esportes de combate que as mesmas já haviam praticado.

[...] Eu gosto muito da disciplina, do clima que tem aqui no tatame, eu gosto do convívio que é muito saudável, a gente se torna uma família, um grupo. Gosto da arte mesmo que é bem envolvente, bem interessante. (Entrevistada A)

Ao que parece, caminhos diferentes levaram as atletas ao tatame, entretanto, isso as levou a um gosto em comum: o gosto pela disciplina e a força social que o Jiu-Jítsu exerce sobre suas vidas. Quando falam em

"clima familiar e de amizade" percebemos que o fator social tem grande influência nesse meio, pois pelas observações nos relatos das entrevistas, aquele que chega e não se adapta vai embora por si só.

A entrevistada, se refere a uma ética pertencente ao tatame. No final a mesma identifica códigos de conduta que expressam um convívio saudável, fraterno fazendo com que esse lugar se constitua inclusive como familiar, lugar de aconchego e bem estar.

Como visto, embora os objetivos tenham se tornado os mesmos, caminhos diferentes levaram as meninas até o tatame. Curiosidade, indicações e até hiperatividade estão entre estes caminhos. O dinamismo, a disciplina e o clima de amizade do Jiu-Jítsu chamou a atenção das praticantes diferindo-se das outras artes marciais anteriormente praticadas por elas, que segundo as mesmas se tornaram "chatas". Mostraram o interesse e a satisfação em aprender e aprimorar suas técnicas e os conhecimentos históricos do esporte. O Jiu-Jítsu superou e supera as expectativas das garotas em várias áreas de suas vidas como o campo social e o da saúde influenciando assim na melhoria da qualidade de vida das atletas. A ética e a disciplina são pontos fortes das falas das mesmas expressando o desejo de conservarem um ambiente saudável e de bem estar onde se sentem tão à vontade.

1.2 CORPO E ROTINA DE TREINAMENTO

As aulas na academia acontecem de segunda a quinta no horário das 20horas e 30minuos às 22horas, onde essa uma hora e meia de treino se divide em aquecimento, alongamento, passagem de posição, momento este em que o Sensei ensina um golpe novo ou uma variação de algum golpe (seja ele de ataque ou defesa), treinamento da posição do dia e o "rola" (o combate em si). As aulas se constroem com exercícios e atividades que trabalham todos os grupos musculares tornando assim a aula muito mais dinâmica e tirando o ar monótono de academia. Segundo todos os entrevistados, incluindo homens, mulheres e professores, o treino é igual para todos sem distinção de atividades para ninguém.

O que um faz, o outro também faz. Segundo as entrevistadas, no tatame são todos iguais, porém cada um com sua individualidade e um “cuidado” maior dos meninos em relação as meninas. De acordo com as informações a respeito de possíveis diferenças no treino dos meninos com relação as meninas percebemos que há um certo protecionismo dos meninos pois afirmam e reafirmam um cuidado especial com as meninas. Seria essa uma das formas de discriminação?

[...] Aqui menino e menina é tratado igual, sem distinção. Claro né, a gente trata os iguais mas cada um com sua diferença né. O menino não vai empregar uma força que ele usa pra lutar com outro menino. Tem mais cuidado com menina. (Entrevistada A).

Aqui a entrevistada se refere as “forças” diferenciadas que há entre homens e mulheres. Ao mesmo tempo em que afirma haver igualdade no treino, também se contradiz quando fala que o menino não utiliza a mesma força que emprega com os outros meninos quando está em combate com meninas. Com relação às mudanças ocorridas depois que passaram a praticar Jiu-Jítsu, as físicas foram as mais citadas pelas atletas.

Segundo ALONSO (2003), até a década de 50 do último século não se recomendava as mulheres correr nem fazer nenhuma atividade física como exercícios e esportes. Dizia o senso comum que esportes e, particularmente as consequências do mesmo como melhora da capacidade respiratória, definição muscular e diminuição da gordura corporal, afastava as mulheres de seu destino “natural” que era casamento e procriação.

Neste sentido, a prática esportiva contribuiu para a desconstrução do destino natural da mulher e para dar luz a liberdade e autonomia feminina na sociedade atual. Crenças como a fragilidade feminina dificuldade em atividades exaustivas, falta de espírito competitivo, passaram a ser desmontadas a partir de então. Pensar o corpo,

Mais do que um conjunto de músculos, ossos, vísceras, reflexos e sensações, o corpo é também a roupa e os acessórios que o adornam, as intervenções que nele se operam a imagem que dele se produz, as maquinas que nele se acoplam, os sentidos que nele se

incorporam, os silêncios que por ele falam, os vestígios que nele se exibem, a educação de seus gestos... Enfim, é um sem limite de possibilidades sempre reinventadas, sempre há descobertas a serem descobertas. Não são, portanto, as semelhanças biológicas que o definem, mas, fundamentalmente, os significados culturais e sociais que a ele se atribuem. (GOELLNER, 2008)

Melhoras consideráveis na resistência física, perda de peso, definição de músculos, mudanças nos hábitos alimentares, maior qualidade no sono, maior concentração e energia nas tarefas diárias (incluindo estudos, trabalhos, etc.) e unanimidade em relação a diminuição do estresse.

As alunas demonstram satisfação em relação às melhorias que o esporte lhes proporcionou e proporciona fazendo com que sua qualidade de vida melhore exponencialmente afetando de forma positiva todas as áreas de suas vidas.

Os objetivos do dia a dia de cada treino é conhecer, aperfeiçoar e dominar as técnicas propostas pelo Sensei onde a perfeição se dará na repetição das mesmas durante a aula e o combate. Porém, além das técnicas passadas aos alunos, nos treinos também se desenvolvem atividades visando trabalhos de força e agilidade, dinâmica essa que tira o ar monótono e pesado de um treinamento repetitivo, tornando-o prazeroso para aqueles que o praticam.

Os treinos ditos iguais para todos não são tão iguais assim. Há diferença na execução de algumas atividades para mulheres e para homens e ao que se nota durante os combates é que a força a ser empregada durante a luta varia conforme o sexo do oponente. Vemos então, a necessidade de desconstrução dessa falsa ideia de igualdade no tatame, passando a focar nas relações históricas e sociais e não só as distinções físicas entre homens e mulheres.

Em relação aos benefícios que o Jiu-Jítsu traz para a vida das praticantes a diminuição do estresse e a mudança na alimentação foram os ganhos mais evidentes em sua melhoria da qualidade de vida.

1.3 O PRECONCEITO

Indagamos sobre a reação dos familiares, amigos e companheiros em relação as meninas quando começaram a praticar Jiu-Jítsu. Todas disseram que a família não foi contra, algumas até incentivaram, porém a entrevistada “D” diz que houve comentários como “Mas esse trem é muito violento”, “você tem certeza que é isso mesmo que você quer?”, “Isso é coisa de homem, menina!” e outros comentários vindos de fora da família e de pessoas de fora do esporte como “Nossa, como seu namorado deixa você ficar rolando agarrada com esse tanto de homem?”. Três das entrevistadas alegam nunca ter passado por qualquer tipo de situação que considerassem um ato de preconceito, nem na academia que treinam (que por sinal é a primeira e única em que praticaram Jiu-Jítsu), nem em outros espaços, porém a quarta aluna alega ter passado por várias situações em que se sentiu constrangida por comentários dirigidos a ela e a outras atletas.

A aluna diz que percebe as “caras e bocas” que os homens fazem quando elas entram no tatame, principalmente se resolvem ir com o cabelo um pouco mais arrumado, maquiada ou com o kimono cor de rosa, que é seu caso.

“Uma vez, fui num campeonato onde uma amiga minha foi competir e quando ela passou e veio me cumprimentar ouvi assim de dois rapazes que estavam atrás de mim: “Aposto que é sapatão!” Eu achei isso ridículo sabe! O que tem haver? Só por que eu faço um esporte de homem eu tenho que querer ser homem também? Fiquei muito chateada.” (Entrevistada D)

Na fala acima, a lutadora afirma que “faz um esporte de homem”. Isso mostra que apesar de todas as falas em que três alunas alegam não sofrer nem perceber preconceito. No entanto, afirmar que o Jiu-jítsu é esporte dos homens parece-nos que o ideário de que o campo das lutas é de poderio do sexo masculino é muito forte para a atleta. Talvez pense estar invadindo o território que não é legítimo as mulheres neste sentido, mesmo a atleta praticando essa arte a tanto tempo permanecem resquícios da essência masculina dos esportes de combate o que nós indica uma discriminação sexista embrenhada numa prática de desconstrução desse tipo de naturalização. O preconceito está tão enraizado em nossa cultura que as vezes não percebemos as descrições evidentes a nossa volta e as que partem de nós mesmos.

Embora uma das garotas entenda que a sociedade não está mudando, a maioria concorda que a sociedade está de fato ampliando o olhar em relação aos esportes de combate e a inserção de mulheres nesse campo, e que agora elas estão se permitindo arriscar mais e inovar sem se importar tanto com a opinião alheia.

[...] Ah, eu acho que tá. Até pela maior procura de meninas pelo Jiu-Jítsu né... Pra mim isso é um sinal de que a sociedade tá mudando sim. (ENTREVISTADA "A")

[...] eu acho que não. Porque muita gente quando fica sabendo que eu faço Jiu-Jítsu fica falando, "ái, mas isso é muito violento, esse trem de ficar brigando". (ENTREVISTADA "C")

[...] Acho que "bemmm" devagar, a sociedade tá mudando o olhar, mas tá sim. Acho que as mulheres principalmente, que se privaram tanto de fazer as coisas que gostam por tanto tempo tão se atrevendo e enxergando que elas podem ir além. E quando elas acreditam em si mesmas, todas passam a acreditar. (ENTREVISTADA "D")

A crescente procura de mulheres para este esporte e a abertura de oportunidades para as mesmas participarem de ligas importantes do esporte de combate mundial elucidam a ideia de que a sociedade tem se informado e aceitado mais o assunto, entretanto ainda há aqueles que não possuem tanta informação e se utilizam de um pensamento arcaico em relação a esta ideia.

Sem exceção, as atletas revelaram ser muito orgulhosas de si mesmas por terem se atrevido a adentrar nesse campo considerado praticamente masculino e mostrar, com competência, que são capazes, que conseguem lutar de igual para igual e até melhor que os homens.

É tipo um desafio, eu acho. Saber q eu posso conseguir fazer as mesmas coisas q eles fazem e conseguir ganhar então, é muito bom, porque eu sinto que eu nasci pra fazer isso! Eu nasci pra lutar Jiu-Jítsu. Quando alguém me pergunta o que eu faço de melhor, eu falo: Luto Jiu-Jítsu! (ENTREVISTADA "B")

Percebemos então, que uma hora ou outra sempre surgem comentários desconfiados e preconceituosos em relação as meninas, sobre sua sexualidade e até ao próprio esporte. Pelo que foi dito, o desafio e o prazer que sentem ao treinar é o que move a inserção e permanência dessas

mulheres no tatame. Estão fazendo o que querem, porque querem e quando querem, dando a cara a bater para quem duvidar de que não são capazes.

2.0 IMPORTÂNCIA, OBJETIVOS E PRECONCEITOS: A MULHER NO JIU-JÍTSU SEGUNDO OS ALUNOS

Na entrevista direcionada aos homens que treinam com mulheres nesta academia, objetivamos analisar se os mesmos acham importante a participação feminina em esportes de combate, se os objetivos masculinos são diferentes dos objetivos femininos, se há constrangimento e preconceito da parte deles em treinar com elas e se já presenciaram algum tipo de preconceito relacionado às mulheres, entre outros.

2.1 IMPORTÂNCIA DA MULHER NO JIU-JÍTSU

Os dois alunos entrevistados dizem achar importante a participação das mulheres no Jiu-Jítsu para se quebrar o tabu que existe em relação a elas e aos esportes de combate e principalmente como defesa pessoal. Relataram também achar importante treinar com as meninas, pois com elas aprendem a dosar sua força no treino e prestam mais atenção aos detalhes técnicos para evitar machucá-las, pois segundo eles, não devem empregar a mesma força que usam com os homens nas lutas com as mulheres e quando indagados sobre se há constrangimento em treinar com elas há divergência nas respostas. Aluno “A” diz que o constrangimento se dá mesmo pela questão de machismo, quando ele perde no combate para alguma das meninas, pois fica constrangido com o falatório dos demais colegas. Já o aluno “B” disse não haver constrangimento algum e os dois alegam que se alguma mulher de suas famílias resolvesse treinar Jiu-Jítsu, iriam apoiar.

[...] Mas mesmo é a questão do machismo, do preconceito né?! Porque vc chega, aí vê uma aluna mais graduada, vai e toma uma “surra” da mulher... É muito ruim... Fora a zoação do resto da galera...
(ALUNO “A”)

Percebemos na fala do entrevistado que o problema em ter mulheres treinando ao seu redor é o de perder para elas no combate e parecer mais

“fraco”. Pois de uma maneira ou de outra, ainda consideram a mulher como sendo o “sexo frágil” e que “pega mal” perder para elas. Mostram admiração pelas mulheres que lutam, entretanto, ainda percebemos vestígios machistas e preconceituosos que o mesmo afirma em suas falas.

Porém, na questão da possibilidade de ter mulheres de sua família treinando Jiu-Jítsu, a reação dos rapazes foi favorável, dizendo que além de não se importarem com tal fato, até ficariam muito satisfeitos em passar os conhecimentos de sua arte para as mulheres de sua família.

[...] eu incentivo a minha esposa, mas ela fala que num dá conta não. Que é muito abafado, que o kimono é muito quente (risos), essas coisas. E ela fala que é agressivo... (ALUNO “B”)

O aluno “A” ainda relata que sua esposa é professora de capoeira e que já insistiu várias vezes para ela fazer uma aula experimental de Jiu-Jítsu, porém as tentativas fora em vão já que sua esposa diz que não conseguiria treinar num ambiente abafado e com uma vestimenta tão pesada e quente como o kimono. Ainda diz que o esporte é agressivo. Aluno “B” acredita que a capoeira é muito mais agressiva, pois no Jiu-Jítsu não há socos nem chutes.

Vimos que para os meninos a participação efetiva das mulheres no tatame traz benefícios a todos. A eles em relação ao controle da força e mais atenção aos detalhes, a elas com o aumento da força, dominação de uma defesa pessoal e desafio de si mesmas.

Nota-se que, alguns fatores que mantêm a frequência das mulheres no tatame é a mesma que pode afastar, pois na fala do aluno “B” vimos que sua esposa cita exemplos do porque não gostaria de treinar Jiu-Jítsu, sendo pelo clima abafado do tatame, o kimono quente e pesado, da “violência” em si. E vemos que as garotas que seguem no treino conseguem superar todas essas barreiras de desconforto e dor, aceitando irrestritamente as regras da luta, impregnando em si o estoicismo, característica essa dos bons lutadores. Segundo GASTALDO (1995),

A resistência à dor como prova de virilidade é comum ma varias culturas que usualmente submetem seus jovens, sobretudo indivíduos masculinos, á tortura em

rituais com o objetivo de, além de avaliar a resistência pessoal do indivíduo, proclamar o seu pertencimento social.

Podemos então entender que parte desse preconceito atribuído às mulheres que lutam, pode vir desse fato histórico onde homens são submetidos a provas de resistência a dor para provar sua virilidade, sendo que mulheres não passaram por esse percurso na sociedade, não precisam ser viris, pelo contrario, sempre foram criadas para serem delicadas, cuidar do lar, dos filhos e do marido. Talvez seja essa a discussão que permeie o impasse da mulher poder lutar, ser forte sem ser hostilizada.

2.2 OBJETIVOS DOS ATLETAS

Em relação aos objetivos que leva homens e mulheres a procurarem o Jiu-Jítsu como esporte, a entrevista dos rapazes mostrou que para eles a mulher procura o esporte como meio de superação de seus obstáculos e os benefícios físicos que a arte traz aos praticantes. Também chama a atenção o fato de o Jiu-Jítsu ser dinâmico e fugir da sensação seca e monótona de uma simples academia. Segundo os alunos entrevistados, a defesa pessoal é citada como um dos pilares dessa procura e a “sede” da mulher por competições.

É visível que geralmente os objetivos masculinos não diferem muito dos femininos, pois os homens também buscam superar-se, porém em outro ponto de vista. As mulheres pelo desafio de mostrar que também conseguem fazer aquilo que os homens fazem e os homens na sua necessidade de mostrar virilidade e também na busca benefícios físicos. Homens e mulheres estão sempre buscando novos desafios para dar sentido as suas vidas. Neste sentido, não se deve tolir o direito ou a participação de qualquer um deles na inserção no âmbito das práticas corporais.

2.3 PRECONCEITO

No que tange ao preconceito em si, um dos alunos entrevistados disse ter presenciado comentários preconceituosos como “ah, fulana é moça demais

pra fazer Jiu-Jítsu!” e “mulher é cheia de frescura!”, já o outro aluno disse nunca ter presenciado cenas de preconceito, mas situações da qual ele chama de “maior cuidado” com as meninas. Alegaram também notar que muitas meninas sofrem preconceito no início por parte da família, principalmente. Porque pra um pai que não conhece o esporte, o tatame se resume a um bando de marmanjos tentando se aproveitar da filha deles. Depois vão conhecendo o esporte, se acostumando e vendo que não é nada daquilo. E segundo os rapazes, eles pegam mais leve com as alunas menos graduadas, com menos tempo de treino, por elas não terem muita experiência e poderem se machucar, mas com as mais graduadas eles pegam mais pesado, até porque se você não vai pra cima delas, elas vão pra cima de você, diz “A”: “[...] elas mesmo se cobram, e cobram da gente. Elas querem entrar pra porrada!”

Mais uma vez a palavra “cuidado” aparece quando se referem a questão do combate com as meninas. Nota-se que todos dizem sempre ter uma atenção maior com as mulheres, porém também mostram que se ela é mais graduada e vai pra dentro da luta, vai pra cima deles, esse cuidado acaba que quase desaparecendo. A fala dos rapazes oscila entre “tem que tomar cuidado” e “mas se eu não fizer ela faz!”. Então, nesse caso não teria problema de machucar uma das garotas, só porque é mais graduada?

3.0 A PRÁTICA FEMININA DO JIU-JITSU SEGUNDO OS SENSEIS

3.1 PROCURA, FREQUÊNCIA E EVASÃO NA PRÁTICA FEMININA

Segundo os professores a procura das mulheres em relação ao Jiu-Jítsu cresceu consideravelmente e provavelmente em razão da questão da mídia estar divulgando com mais frequência os esportes de combate influencia nessa mudança do olhar em relação a esse tipo de esporte. Na entrevista os professores dizem que os objetivos que levam as garotas ao tatame se diferem no início, procuram uma forma de defesa pessoal ou por questões estéticas mesmo. Já os rapazes, os adolescentes, por exemplo, chegam no tatame com o intuito de se inserir, pertencer a um determinado grupo, ou até mesmo de se defender. Já os mais velhos procuram o esporte pela saúde, melhorar suas condições físicas, entre outros. Mas segundo eles, parte desses objetivos dá

lugar ao gosto e foco por competições ao longo do tempo. Em relação a evasão, os mestres dizem que cada vez mais as mulheres estão se firmando no Jiu-Jítsu, ficando cada vez mais e a evasão é quase nula. Segundo eles, de um tempo pra cá todas as meninas que entraram para o tatame permanecem até hoje.

Caminhos diferentes levam homens e mulheres ao tatame, entretanto ao passar dos dias o objetivo vai se tornando um só: se apropriar das técnicas e conceitos do Jiu-Jítsu e participar das competições. Ao que parece às mulheres levam mais a sério o lado competitivo, pois os entrevistados acima alegam que elas se doam mais e se cobram mais também em relação ao seu aprendizado e desempenho.

Aliás, cobram deles que não “aliviem” com elas, pois querem explorar o máximo de seu potencial. Elas enfrentam os desafios e discordam sobre o excesso de protecionismo que os demais atletas depositam. Porém, em contradição com algumas falas, as lutadoras, de certa modo valorizam esse cuidado especial.

3.2 O PRECONCEITO E OLHAR DA SOCIEDADE

Quando entramos na questão do preconceito de fato, os professores falaram abertamente sobre o assunto. Disseram que o preconceito existe sim, mas que hoje os professores estão protegendo mais suas alunas com o intuito de aumentar seu número de alunos e a permanência das mulheres no Jiu-Jítsu. Ambos os professores disseram já ter presenciado várias cenas com comentários, atitudes preconceituosas e desrespeitosas em relação as mulheres lutadoras pois reconhecem e afirmam estarmos vivendo em uma sociedade ainda muito machista onde a mulher não tem recebido seu devido valor e respeito. Segundo o professor “A”, uma das atitudes que mais lhe causou constrangimento foi quando um aluno de certa academia fez comentários sobre o corpo de uma aluna e “deu em cima” dela até ela abandonar o Jiu-Jítsu, e a omissão do professor da turma diante do fato. Fora os comentários vistos anteriormente também relatados pelos professores, como o clássico “Jiu-Jítsu não é pra mulher!”. Ele ainda relata que em suas

aulas a regra é que nenhuma aluna entre no tatame só de top ou blusas que deixem a mostra alguma parte do tronco como barriga e seios. Todas usam top e camisetas por baixo do kimono.

“E a nossa maior dificuldade não é nem com as meninas, é com a família, porque um pai vem assistir o treino e como não tem noção do contexto da luta, ele pensa/vê um bando de macho querendo aproveitar da filha dele. Mas aqueles que vêm com frequência e acabam ficando íntimos, percebem que não tem nada haver, que aqui todos respeitam as meninas e se respeitam entre si.” (PROFESSOR “A”).

O professor declara que o preconceito já vem de casa. Que a maior dificuldade em ter as meninas no tatame não é por elas, e sim pela família que fica com certa desconfiança ao deixar que suas filhas pratiquem um esporte onde 90% (noventa por cento) praticantes são homens. Isso nos mostra que o combate ao preconceito precisa atingir mais que apenas as ruas e sim entrar na casa das pessoas para que haja um esclarecimento maior a cerca do assunto. Pois preconceito nada mais é que a falta de informação sobre quaisquer questões.

O professor ainda nos conta sobre uma colega da equipe que é faixa preta em Jiu-Jítsu e foi quatro vezes campeã mundial na sua categoria e na categoria Absoluto, onde mulheres lutam com homens, e hoje é uma das atletas mais respeitadas do país e uma das aulas mais disciplinadas, porém por ter convívio próximo com a amiga, o professor diz que a atleta sofreu muito preconceito no início de sua carreira, isso a cerca de quinze anos atrás, onde a participação feminina no Jiu-Jítsu era quase zero.

Os Senseis ou mestres, como são chamados os professores de artes marciais aparentam ter plena convicção de que a sociedade está mudando sim seu olhar sobre os esportes de combate e sobre a inserção das mulheres nos mesmos. Sabem que a mulher tem conquistado cada vez mais seu espaço que é de direito em várias áreas de suas vidas, e que nos esportes isso não seria diferente. A crescente procura de mulheres por estes esportes vem elucidar essa questão.

3.3 MULHER E TATAME

Sobre as mulheres que se atrevem a entrar no tatame, lugar tido como masculino, os professores dizem ter profunda admiração e respeito, pois as mesmas vêm lutando a muito tempo por igualdade social e apesar de muitas vezes desempenharem suas tarefas melhor que os homens, elas não ganham o que de fato merecem. Eles relatam que quando veem as meninas no tatame sentem que elas estão ali pra se superar e mostrar que são capazes.

O professor mostra respeito em relação às meninas praticantes e que realmente se importam com o que sentem e buscam no tatame. Apresenta um discurso que diz respeito ao desejo de contribuir para que cada vez mais a história, a prática, a ética e o conhecimento do Jiu-Jítsu alcance novos corpos e mentes, inclusive os femininos.

Podemos entender a partir destas falas que todo o trabalho de luta feminina tem tido o seu valor reconhecido, pois a desconstrução do preconceito e da discriminação está acontecendo de maneira gradativa fazendo com que cada vez mais, tenham a oportunidade de escolher a pratica que lhe é de gosto sem interferência de terceiros e sem quaisquer tipos de discriminação.

3.4 O PAPEL DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA LUTA CONTRA PRECONCEITOS SEXISTAS EM “ESPAÇOS MASCULINOS”.

O profissional de educação física pode e deve contribuir para que esta temática aqui abordada minimize, mostrando e ensinando que independente do gênero, as atividades esportivas são direito de todos e que dentro desse espaço não deve haver lugar para preconceitos, e sim orientação para que cada cidadão apoie e combata a extinção deste tipo de conduta.

Levando em consideração nosso estudo chegamos ao consenso de que tanto dentro das escolas (ambientes formais de educação) quanto em ambientes não formais de educação (clubes, academias, studios) o papel mediador e formador de opinião do educador físico pode ser uma peça chave na quebra de tabus relacionados a preconceitos, inclusive o de gêneros.

Percebeu-se ao longo do trabalho que mulheres tem ganhado cada vez mais espaço na sociedade e definitivamente se igualando em questões de resultados nos campos antes ditos “masculinos” como o mercado de trabalho, direitos, política, esportes, família dentre outros.

A igualdade de direitos e de oportunidades entre as pessoas tem se

constituído em missão norteadora de organismos e instituições que pautam as suas ações pelo ideal de construção de uma sociedade democrática e cidadã. (ROCHA, Carmen.2010)

Partindo desse pensamento podemos nos aprofundar no campo dos esportes que é nosso objeto de estudos, em especial o Jiu-Jitsu, onde vimos que há uma separação mais que biológica entre homens e mulheres, porém, como educadores do corpo sabemos também que o corpo humano possui formas de adaptação ao meio externo e apenas dizer que mulher “não é capaz” de praticar determinado esporte simplesmente pelo fato da “fragilidade” não se justifica, pois existem formas e estímulos para que haja resultados satisfatórios que possibilitem as mesmas a praticarem o esporte. Treinamentos físicos, alimentação e até mesmo a força de vontade das quais as participantes dispõem para a realização da modalidade.

O professor de educação física é uma figura carismática e socialista, uma pessoa que promove o bem estar físico e mental através de atividades físicas, sendo eles em muitos casos peças fundamentais, como por exemplo, no desenvolvimento cognitivo realizado em crianças em suas faixas etárias iniciais (ensino básico e fundamental), sendo nesta fase onde se estabelece parâmetros de julgamento entre certo e errado, feio e bonito, masculino e feminino. Partindo desse pensamento, temos no professor de educação física e em suas aulas um instrumento poderoso para a quebra de paradigmas, em foco o gênero, é na fase criança que podemos estabelecer respeito e parceria entre meninos e meninas para a realização de quaisquer atividades independente de capacidades, respeitando os limites físicos de cada um.

Mas e para além do campo escolar? Academias, clubes e espaços destinados as artes marciais são cada vez mais visitados e frequentados por mulheres e podemos perceber essa inclusão inclusive em outros espaços como em nosso governo atual, que hoje é regido principalmente por uma mulher.

Com essa crescente busca do sexo feminino por atividades físicas, na luta ainda existe uma resistência sexista, não somente o preconceito com as mesmas por parte do sexo oposto, mas das próprias mulheres que por falta de conhecimento relacionam a pratica do esporte com uma dada opção sexual

e/ou desigualdades físicas, justificando-se na não possibilidade de poderem exercer força maior ou igual à dos homens.

Entra em jogo o papel mediador do professor de educação física, em estabelecer o contato da mulher com o esporte, com o sexo oposto dentro do tatame e até mesmo a vivência delas nas rotinas necessárias para a realização do esporte como um treinamento de força em academias.

Cabe ao professor proporcionar um ambiente mais leve e receptivo que possibilite uma harmonia entre os/as atletas, como jogos individuais e coletivos lúdicos, contatos físicos e visuais e experimentação da luta mista para que assim todos independente de sexo possam vivenciar a luta pela sua essência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho intitulado “Educação do Corpo e Jiu-Jitsu: Jogos de Gênero no Tatame” nasceu do desejo de discutir questões que envolvem o preconceito existente com mulheres que praticam Lutas em geral, especificamente no Jiu-Jítsu. A metáfora “Jogos de Gênero” se desenha a partir da concepção de que as relações sociais se definem e se redefinem com a ajuda do outro assim como no jogo não é possível jogar sozinho essa investigação está sintonizada e procura contribuir com a ideia de que é possível mudar as regras desse jogo.

Esse trabalho nasceu das inquietações em compreender o porquê do preconceito em relação às mulheres que praticam Jiu-Jítsu especialmente, por meio de nossa história com o universo do tatame através da prática do Jiu-Jítsu no município de Goiânia-GO. Das academias credenciadas a FGJJ (Federação Goiana de Jiu-Jítsu) escolhemos aquela que tem a maior participação feminina.

Ao iniciar o estudo percebemos a carência de trabalhos acadêmicos no campo da educação física sobre este tema. Neste viés, o problema da pesquisa consistiu em analisar se existe preconceito sexista em relação às mulheres praticantes de Jiu-Jítsu em academias de Goiânia-GO? Enquanto procedimentos metodológicos foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com mulheres e homens praticantes desta modalidade e com os professores/mestres destes alunos (as).

Em linhas gerais, o conjunto de informações coletadas aponta para em alguma medida, a existência do preconceito em relação às mulheres que praticam o Jiu-Jitsu. Sob o ponto de vista, das relações sociais estabelecidas nos esportes de combate particularmente o Jiu-Jítsu é considerado território masculino. Pois, o preconceito aparece sim de modo tímido. A que se considerar que atualmente, a participação feminina vem se expandindo no tatame.

Tivemos o objetivo geral discutir preconceitos sexistas que atravessam a prática feminina da arte marcial Jiu-Jítsu.

Segundo a abordagem da fragilidade feminina, a falta de instinto competitivo e a incapacidade de aguentar cargas altas de exercícios em treinos exaustivos estariam no topo dos itens de razões para a exclusão da mulher nos esportes de combate. No entanto, essa construção histórica enraizada no senso comum, restringia a participação feminina.

Enquanto a objetivos específicos tivemos primeiramente o de identificar a gênese da participação feminina nos esportes, que embora a expressão “mulher atleta” tenha nascido apenas no final do século XX, desde a Antiguidade mulheres tentam encontrar um lugar no cenário esportivo tanto individual quanto coletivo, conquistando cada vez mais seu direito fundamental de participação nos esportes e em competições oficiais.

O segundo objetivo foi identificar na rotina da prática e no treinamento do Jiu-Jítsu se as mulheres praticantes são tratadas com diferenciação no dia a dia do tatame. Quanto a esse item, podemos inferir que nossa suspeita se confirma a começar pela execução dos exercícios durante o treino.

Outro exemplo de diferenciação no tratamento é o modo como se dá o combate em si. A ordem no tatame é de cuidado com as moças, pois se os homens as machucarem receberam punições. No entanto, essa regra não vale para todas as meninas, pois existem atletas de nível elevado de força e técnica aos dos homens e que na opinião deles “com elas eles não dão mole”. Pois, como possuem o domínio da técnica e são fortes, se os rapazes aliviarem podem perder para elas, o que na fala dos mesmos, é motivo de chacota pelos outros colegas.

O terceiro objetivo foi identificar e analisar se as mulheres praticantes de Jiu-Jítsu percebem as discriminações sexistas, item esse que mostrou contradições nas falas das meninas. Das quatro entrevistadas, apenas uma afirmou haver preconceito e já ter vivenciado essa cena, porém questiona o porquê do espanto das pessoas em ela praticar um “esporte de homem”, segundo ela. As outras relatam que tem o total respeito dos colegas no tatame, que nunca passaram por tal constrangimento, mas que sabem que são mais fracas que os rapazes e que os mesmos exercem um cuidado em relação a elas.

Percebemos então, que o preconceito está enraizado nos *corpos e mentes* e que definem a cultura. Apesar de existir uma diferenciação, a maioria

não percebe o fato acontece. Se de fato não houvesse todos lutariam, verdadeiramente, de igual pra igual e o “cuidado” não seria só com as atletas mais fracas e sim com todos/as no tatame independente do sexo.

Como ultimo objetivo específico, tivemos como meta identificar no discurso dos praticantes o entendimento deles/as sobre mulher e Jiu-Jítsu. Segundo professores e alunos, a importância da participação das mulheres, para eles, no tatame, é o aperfeiçoamento de suas técnicas, uma vez que, precisam tomar um cuidado bem maior na hora do combate com elas.

Os professores aprovam, em seu discurso, a inserção das mulheres no Jiu-Jítsu, pois elas vêm lutando por seus direitos a muito tempo e não faria sentido se não fizessem parte também desse quadro do esporte, e todos afirmam vê-las como guerreiras que se superam a cada dia no âmbito do tatame pois nem todas que iniciam a modalidade permanecem no esporte.

As meninas procuram desafiar-se e superar-se a cada dia. Sentem-se orgulhosas por praticarem um esporte dominado por homens em sua maioria e por conseguir fazer e apreender as mesmas técnicas e conhecimentos que eles dominam e às vezes até conseguem fazer melhor. São incontestavelmente apaixonadas pela arte e mostram desejo de continuar no esporte, crescendo e participando de competições para provar a cada dia em primeiro lugar, para si mesmas de que são capazes de enfrentar novos desafios e a capacidade de resistência a dor.

Aproveitando o ensejo, notamos que as atletas tem grande capacidade de resistência à dor e também aceitam incontestavelmente as regras da luta. Olhando por esse viés pensamos que o estoicismo ligado à mulher pode ser uma ideia para estudos futuros não abordados nesta pesquisa e carente de obras deste cunho na literatura acadêmica.

Enfim, com base na análise dos dados, concluímos que os objetivos foram respondidos e percebemos que a inserção das mulheres no campo das artes marciais cresce inversamente proporcional ao preconceito, isso devido às desconstruções realizadas ao longo dos anos com as lutas feministas e, ultimamente, com a abordagem da mídia permitindo mais visibilidade dos esportes de combate é evidente o ganho de novas e novos adeptos em todo o mundo.

REFERÊNCIAS

- ALONSO, Luiza Klein. **Mulher, corpo e mitos no esporte**. Editora Manole. 2003;
BENVENUTI, Patrícia. Revista presença da Mulher. Maio 2012 N°62
<http://www.brasildefato.com.br/node/10360>
- BOURDIEU, Pierre. **Conferência do Prêmio Goffman: A dominação masculina revisitada**. Editora Papirus. 1998;
- BREDA, Mauro; GALATTI, Larissa; SCAGLIA, Alcides José. **Pedagogia do esporte aplicada às lutas**. Editora Phorte. 2010;
- Confederação Brasileira de Jiu-Jítsu**; <http://www.cbjj.com.br/hjj.htm>, acessada em 21 de Dezembro de 2012;
- DAOLIO, Jocimar. **Cultura-Educação Física e Futebol**. 2003, p 35-67;
- FOUCAULT, Michael. **Vigiar e Punir** (Os corpos dóceis). 1975;
- GASTALDO, Édison Luis. **A forja do homem de ferro: A corporalidade nos esportes de combate**. 1995;
- GOLDENBERG, Mirian. **Corpo e dominação masculina na cultura brasileira**;
- GOELLNER, Silvana Vilodre. **Pensar a prática**. Volume 8, n 1. 2005;
- GOELLNER, Silvana Vilodre. **Corpo, gênero e sexualidade – educando para a diversidade**. p 10. 2008;
- MAUSS, Marcel. **Técnicas corporais**. 1974;
- ROCHA, Carmen. **Participação da mulher nos espaços de poder: um processo em construção**. 2010
- SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. 1990.
- SIMÕES, Antonio Carlos (org.). **Mulher e esporte** <Mitoses e Verdades>. Editora Manole;
- SOARES, Carmem Lúcia. **Imagens da Educação do Corpo**. 1998;
- OLIVEIRA, Rosimeire de; POLIDORO, Daniel José; SIMÕES, Antonio Carlos. **Perspectivas de vida e transição de carreira de mulheres-atletas de voleibol**. Editora Manole. 2003;
- OLIVEIRA, Silvio Luiz de. **Tratado de Metodologia Científica: projetos de pesquisas, TGI, TCC, monografias, dissertações teses**. 2ª ed. São Paulo: Pioneira, 1997.